

22 FEV 1995

Márcio Moreira Alves

Congresso

Modernização conservadora

— A modernização do Congresso está nas mãos do Luís Eduardo Magalhães e do José Sarney. Dá para acreditar? — pergunta um jovem repórter, ainda cheio do ardor cívico de quem vai a comícios com a bandeira vermelha em punho.

— Dá, digo eu, lembrando tantas revoluções conservadoras que vivemos, aqui e em outros lugares. Não só dá, como dificilmente aconteceria se fosse por outros caminhos.

Afonso Arinos, que conhecia como poucos a nossa história, disse-me:

— No Brasil, há certas mudanças que, para serem feitas sem sangue, têm de ser feitas por membros da elite. A Abolição foi feita por Joaquim Nabuco, neto de senador e filho de primeiro-ministro, e pelo conselheiro Antônio Prado, que era o homem mais rico de São Paulo. Foi assinada pela princesa Isabel. Se tivesse vindo pela rebelião do povo, sob o comando do José do Patrocínio, teria custado centenas de milhares de vidas, como nos Estados Unidos. A República foi feita pelo Prudente de Moraes, o Campos Sales e o Quintino Bocayuva. Só o Quintino não chegou a presidente da República, porque não era, propriamente, um membro da elite. Era um intelectual. Os militares limitaram-se a chancelá-la porque era do interesse deles. E a reforma agrária só virá quando os plutocratas paulistas deixarem de defender os fazendeiros atrasados.

As nossas elites políticas viveram sempre do contrabando de idéias, como dizia Sílvio Romero. No fundo, sempre foram uma coisa e outra, liberais em relação à abertura da economia ao exterior, conservadoras em relação às estruturas que pudessem per-

mitir o ascenso social das massas. E sempre tiveram uma extraordinária vocação para conservar os seus privilégios, cedendo apenas o mínimo exigido pela evolução dos tempos.

O mínimo está sendo exigido agora, e as elites políticas percebem isso. Luís Eduardo Magalhães sabe que não poderá governar a Bahia, quando à sua vez chegar, da mesma maneira como o seu pai governou. Roseana, governadora, já está mostrando ser diferente, no Maranhão, do que foi José Sarney, quando governador e presidente da República. É mais moderna, ainda que se apóie em estruturas de poder semelhantes. A oposição que a esquerda lhe faz, depois de apostar em Epitácio Cafeteira, a retaguarda do atraso, tem uma motivação mais nacional que local.

O caso mais bem-sucedido de modernização conservadora recente foi o do Ceará. Um grupo de empresários modernos rebelou-se contra a paralisia econômica provocada pela coronelização da máquina estatal. Foi à luta, varreu os coronéis do mapa político, colocou o governo para funcionar impessoalmente, em benefício de todos mas, especialmente, em benefício de quem já estava preparado para aproveitar um novo ciclo de desenvolvimento. Ou seja: eles mesmos.

A pauta da modernização começa agora pelo funcionamento do Congresso. Virão, em seguida, as reformas da economia, destinadas a abrir novos campos de atividade para uma burguesia industrial e financeira, já empresarialmente madura e ansiosa por ampliar o seu poder. Depois virão as reformas da Previdência e do Estado.

Será melhor para o povão? É provável que sim, como foi no Ceará.